

DESPOÉTICOS TRANSCURSOS – O ANIMADO, O INANIMADO E SUAS INTERRELAÇÕES COM A CORPOREIDADE CONTEMPORÂNEA

Pires, Beatriz Ferreira; Dr^a.; EACH/USP, beatrizferreirapires@usp.br¹
Cidreira, Renata Pitombo; Dr^a.; UFRB, pitomboc@yahoo.com.br²

Resumo

Dispensável dizer que cada vez mais as atividades, serviços e interações desenvolvidas pela grande maioria das pessoas que compõem nossa sociedade são mediados por maquinários, engenhocas sistêmicas e componentes digitais. Enredadas nos labirintos e armadilhas direta e/ou indiretamente propiciados pelo modus operandi decorrente de tais instrumentos, plataformas e programas, de forma contínua, crescente e acelerada, essas pessoas abandonam o orgânico pelo inorgânico, o animado pelo inanimado. Encalacradas entre opostos, buscam driblar o tempo, o corpo, a vida.

O anseio pela ideia de perfeição, fundamentada em padrões pré-estabelecidos que perpassam desde a estética do corpo, da vestimenta, arquitetura e cidade, até o tipo de carreira, entretenimento, etc., a aceitação pela exaltação da produtividade e a preferência pela variável segurança, no que tange a equação segurança x liberdade tão bem apresentada por Zygmunt Bauman na entrevista dada ao *Fronteiras do Pensamento* em 2011, na qual, por meio de uma proporcionalidade oposta, o aumento de uma implica na diminuição da outra, reforçam o individualismo preponderante no tempo atual.

Ressaltando o comportamento fundamentado no individualismo, apontando parte das mazelas que ele acarreta e discorrendo sobre povos cujo agrupamento segue outras formas de organização, nas quais a concepção de sociedade se difere da nossa e os sonhos têm relevância na forma como se compreende os acontecimentos e se elabora as ações do período de vigília, Sidarta Ribeiro, na conversa que estabelece com Ailton Krenak no evento *Ciclo dos Sonhos*, alerta sobre a relação entre humanos e robôs: máquinas não são feitas para amar e evoca o seguinte pensamento de

¹Arquiteta, prof^a. Graduação e Pós-Graduação do Curso de Têxtil e Moda EACH/USP. Pós-Doutorado (FAPESP): SENAC/SP. Doutorado (FAPESP): FE/UNICAMP. Mestrado (CNPq): IA/UNICAMP. Livros: “O Corpo como Suporte da Arte”. SENAC, 2005; “Corpo Inciso, Vazado, Transmudado - Inscrições e Temporalidades”. Annablume/FAPESP, 2009.

² Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA), com pós-doutorados em Sociologia (Université Paris V Descartes - Sorbonne) e em Comunicação e Artes (UBI-Portugal). Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

Krenak: “A invenção de um monte de maquininhas deu ao ser humano a sensação de que eles não precisam mais dos sonhos. E olha onde nós estamos.”

Imersas nesse contexto nos deparamos com a matéria, de Marina Lourenço, publicada pela Folha de São Paulo em 1º de junho, intitulada: “Robô estilo 'Black Mirror' surta e debocha da gente em peça sem atores de verdade”. O registro discorre sobre o monólogo, desenvolvido em forma de palestra, “Vale da Estranheza”. Dirigido pelo suíço Stefan Kaegi e apresentado como parte da programação da Mostra Internacional de Teatro de São Paulo (MITsp), o espetáculo é encenado por um animatrônico de Thomas Melle - escritor, tradutor e dramaturgo alemão -, autor do livro “O Mundo às Costas”, que compõem o roteiro.

A expressão “Vale da Estranheza”, criada em 1970 pelo roboticista japonês Masahiro Mori, designa a sensação de medo, angústia e repulsa que as pessoas têm quando se deparam com robôs que são muito semelhantes aos humanos. As fotos de divulgação da peça explicitam o fato do protagonista ser um humanoide através de imagens que mostram a parte de trás de seu corpo. Aberto ao seu interior, o dorso do personagem exhibe feixes de fios, plugues, componentes metálicos.

Os recentes acontecimentos relatados nos confrontam com uma questão fundamental: o ato perceptivo e as relações da corporalidade aí envolvidas. Como concebemos a dimensão perceptiva a partir da profusão das novas tecnologias na contemporaneidade, cuja promessa, inclusive, culmina na substituição do próprio corpo por máquinas? Para refletir sobre essa e questões correlatas, nos apoiamos metodologicamente na abordagem fenomenológica da percepção, desenvolvida especialmente por Merleau-Ponty (2015), e nos contributos da antropologia das emoções, a partir de David Le Breton (2019).

Palavras-chave: humanoide; poíesis; percepção.